

O vaso sem nenhum valor

São 6 horas da manhã, o sol ainda nem se pôs e já estou acordado. Mal me levanto da cama, aquela velha tristeza já toma conta do meu corpo e uma pergunta ainda surge em minha mente: será que hoje vou ter coragem? Essa pergunta sempre me assombra, mas, apesar disso, me levanto e logo vou ao banheiro escovar os dentes, mas evito visualizar o meu reflexo. Já faz tempo que não vejo meus olhos no espelho.

Já estou de banho tomado e de roupa trocada e aquele velho corredor já está me encarando. Atravessá-lo tem sido uma das coisas mais difíceis, mas, depois dos primeiros passos, as coisas costumam ficar um pouco mais fáceis. Ao andar por aquele velho corredor, velhas lembranças começam a vir à tona, uma boa parte delas de quando eu ainda era criança, uma criança eufórica que corria sem medo de se machucar. Nessa época era tão mais fácil passar por aqui!

Lá estava aquele velho vaso todo remendado, fora o último presente dado pela minha avó, mas eu acabei quebrando-o em uma das minhas sapecagens de moleque. Agora ele não tinha mais nenhum valor, a única coisa que o impedia de ser jogado fora é o seu valor sentimental. A ironia desta situação sempre me deixava perplexo.

A caminhada por este corredor não dura nem 5 minutos, mas, para mim, esse costuma ser o momento mais longo do dia. Ao passar pelo quarto dos meus pais, vejo que a porta está entreaberta, eles ainda estão roncando. De repente, meus passos ficam um pouco mais pesados, mas eu não paro. Finalmente chego ao meu objetivo: o quartinho de ferramentas da casa. O que eu procuro aparenta não estar ali, mas ao fazer uma busca mais apurada logo encontro a corda, ele estava abaixo da caixa de ferramentas do meu pai.

Com a corda no meu pescoço, a única coisa que me impede de ser jogado em um poço de esquecimento é o banquinho no qual estou apoiado. Falta apenas um passo, porém este pequeno passo costuma deixar a prova de português e o pedido de namoro pra Juju no chinelo. Nesse momento só consigo pensar nos meus pais, tenho medo de que a dor que ultimamente venho sentido seja transferida a eles, não sei se seriam capazes de suportar. Ao ouvir um ronco um pouco mais alto que o normal vindo do quarto deles eu sinto: não posso e nem tenho coragem para isso.

Já estou no chão novamente, a corda e o banquinho já estão em seus devidos lugares. São seis e meia. Estou atrasado para a aula de novo, a professora já está descreditando que o trânsito do meu bairro seja tão ruim assim. Nem estou muito preocupado com isso. O meu único receio é que o dia em que o vaso remendado se cansar de ser inútil e se jogar da prateleira, finalmente chegue.